

EDUCAÇÃO INCLUSIVA NO COTIDIANO ESCOLAR DA UNIVERSIDADE: UM ESTUDO SOBRE A CONSTRUÇÃO DE AMIZADES

Edicléa Mascarenhas Fernandes¹;
Alexandre Augusto de Farias Silva²;
Ramón Domingues³;
Ana Cristina Freire⁴;
Fabiane Leal de Sampaio⁵;
Gabrieli Oliveira Feijó⁶

I- Introdução:

As experiências de inclusão no ensino superior vêm gradativamente se intensificando nas universidades e esta temática ganhando espaço em publicações na área, principalmente no que concerne à inclusão de alunos com deficiências físicas e sensoriais.

Nossa pesquisa investigou o processo de inclusão de alunos com necessidades especiais nas áreas de deficiência mental e transtornos invasivos do desenvolvimento no ensino superior e a amizade como força propulsora para a inclusão.

Durante um semestre letivo de agosto a novembro de 2005, na disciplina Pesquisa em Educação Especial, na Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, um grupo de 47 alunos, sendo 8 convidados, encontraram-se às noites de quarta-feira e vivenciaram uma experiência de construção coletiva de um projeto, tendo como enfoque metodológico a pesquisa participante.

Apresentaremos os pressupostos teóricos e metodológicos do estudo, a discussão de dados e as conclusões.

II - Por que estudar amizade?

Geralmente, projetos universitários para pessoas com deficiências envolvendo a cognição e comportamento restringem-se a atividades extensionistas e pesquisas. Nossa meta, porém, centrou-se na experiência da docência, na vivência da amizade e da construção de experiências em um grupo heterogêneo partilhando conhecimentos e experiências de vida.

Embora estudos como a revisão da Associação Americana de Retardo Mental, de 1992 (Fernandes, 2000), apresentem paradigmas diferenciados de atendimento a pessoas com deficiência mental e apontem os suportes como mais primordiais do que o clássico conceito de níveis de deficiência, estudos sobre amizade e seu papel na inclusão ainda são incipientes no Brasil.

As pessoas com deficiência mental muitas vezes durante todo seu espaço de desenvolvimento ficam voltadas a relacionamentos com profissionais treinados e licenciados (Strully e Strully, 1999). Nesta perspectiva as pessoas que convivem com elas são profissionais pagos e as relações advindas estão focadas num paradigma de atendimento e em relação assimétrica.

¹ Professora Adjunta da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) Coordenadora do Núcleo de Educação Inclusiva do Departamento de Educação Inclusiva e Continuada – ediclea@globo.com.

² Aluno, convidado, da disciplina eletiva Pesquisa em Educação Especial integrantes do Grupo Down`s e Cia.

³ Aluno, convidado, da disciplina eletiva Pesquisa em Educação Especial integrantes do Grupo Down`s e Cia.

⁴ Aluna do curso de Graduação em Pedagogia da UERJ e bolsistas do Núcleo de Educação Inclusiva.

⁵ Aluna do curso de Graduação em Pedagogia da UERJ e bolsistas do Núcleo de Educação Inclusiva.

⁶ Aluna do curso de Graduação em Pedagogia da UERJ e bolsistas do Núcleo de Educação Inclusiva.

Desenvolver amizades não é algo que ocorra de maneira fácil ou natural para nós, crianças ou adultos. A maioria das pessoas tem problemas de relacionar-se com outras pessoas. As escolas, por sua vez, dão pouca atenção aos valores sociais e educacionais das amizades. Mas são nossas amizades e relacionamentos que nos tornam membros reais das nossas comunidades. As amizades protegem-nos de estar sós e vulneráveis e garantem que nossas vidas sejam ricas e plenas... Está tornando-se cada vez mais claro que sem amigos, não pode ocorrer a verdadeira inclusão de uma pessoa na escola e na comunidade... Precisamos começar a construir e a estimular as amizades na escola... (p.184)

Geralmente, pessoas adultas com deficiência mental não vivenciam experiências de amizade. Os adultos com os quais convivem são familiares ou alguém que é pago para estar com eles. Em contrapartida, pessoas sem deficiência mental não têm oportunidade de vivenciarem experiências de amizade e compartilhamento com pessoas com deficiência mental. Este círculo vicioso contribui para o aumento e a perpetuação do estereótipo e preconceito em relação à deficiência mental.

As concepções pedagógicas mais significativas são aquelas que são acolhidas na experiência. O papel do pedagogo na construção de comunidades inclusivas é essencial, porém, como adquirir esta competência profissional sem a vivência em uma comunidade inclusiva, na medida em que a sociedade ainda mantém as pessoas com deficiências mentais e comportamentais em guetos de atendimento?

Estudos apresentados por (Bishop e Stainback, 1999) em relação à promoção de amizades enfatizam ainda o forte imaginário dos profissionais em acreditar num “preparatório” para amizades baseados em testes de quociente intelectual e habilidades de comunicação verbal ou respostas motoras ou competência social. Amizades são relacionamentos que acontecem em grupos sociais. Para um aluno ter a oportunidade de desenvolver amizades com colegas com deficiência ele precisa estar na presença desses colegas.

III - Os Caminhos da Pesquisa:

Nossa pesquisa identificou a percepção da consciência das amizades nesta classe inclusiva composta por alunos do curso de pedagogia e alunos com necessidades especiais nas áreas de deficiência mental e transtornos de desenvolvimento identificando a consciência do papel da amizade através de metodologia participante e registro das interações diárias como descrito por (BISHOP & JUBALA em STAINBACK,1999) ao analisarem uma classe do ensino fundamental.

O convite aos alunos com necessidades especiais foi realizado através do Núcleo de Educação Inclusiva da Faculdade de Educação e da coordenação do Grupo Down's e Cia. Durante uma reunião com familiares, alunos convidados e bolsistas expusemos a nossa proposta para a disciplina eletiva na perspectiva da Universidade aberta à Diversidade. Não houve critério de avaliação preliminar, as únicas condições eram ter faixa etária compatível ao ensino universitário (ou seja, acima de 16 anos) e ter o compromisso de participar da maior parte dos encontros.

A proposta para o curso consistiu numa abordagem participante em que o próprio grupo determinou um projeto no qual se envolveu durante o período. Foi solicitado em termo de consentimento a gravação e os registros de cada aula, bem como avaliação das experiências vividas ao final de cada encontro (memorial).

Os encontros ocorreram semanalmente e surgiram como metas do grupo a organização de um seminário final para mostra das atividades desenvolvidas ao longo do semestre, como o curta-

metragem “O BAR MALUCO”, o vídeo sobre Amizade e as mesas de personagens significativos na vida de cada aluno da disciplina.

A seguir apresentaremos as vivências buscando proporcionar ao leitor através dos memoriais dos alunos o percurso vivido pelo grupo, sendo fiel ao texto produzido pelos mesmos:

1ª aula – dia 17 de Agosto

No primeiro dia os alunos da disciplina e os pais de alunos especiais foram apresentados para se conhecerem. Foi feita a apresentação da disciplina contendo o seu principal objetivo: Promover uma experiência em pesquisa participante em turma heterogênea. Foi distribuído o cronograma das aulas e assinados os termos de autorização para filmagem e fotos.

Nas aulas subseqüentes o grupo de familiares aguardava o término na sala do Núcleo de Educação Inclusiva.

Nos relatos dos alunos participantes da disciplina é perceptível que este dia foi de extrema importância, por ser o início de uma nova experiência para todos.

“Estar em sala de aula de uma universidade, compartilhando saberes e interagindo com portadores de deficiência, acredito ser um fato inédito”.
(Heloísa)

2ª aula – 31 do Agosto

A turma foi dividida em grupos de seis alunos, onde deveria haver pelo menos um aluno especial em cada grupo. Surgiram diversas idéias para atividades, que foram transformadas em mini-projetos apresentados em transparências confeccionadas pelos alunos. Cada grupo possuía seu relator que apresentou a proposta de todo o grupo. Os trabalhos propostos foram:

- A filmagem de um curta-metragem, denominado pelo grupo: “O Bar Maluco”;
- Uma adaptação do clássico romance, Romeu e Julieta;
- Uma apresentação de dança;
- Exposição de pinturas e poesia;

Surge um primeiro impasse em relação ao medo de escuro de uma das alunas convidadas e precisaríamos da sala escura para a projeção das transparências. Decidido o impasse em grupo a aluna decide ficar na porta da sala, solução que lhe pareceu menos angustiante. Ao longo da aula, porém e sendo ela, porém a relatora do grupo, este impasse foi superado e ela consegue entrar na sala e apresentar a proposta do grupo sendo aplaudida por todos.

“Nunca tive a oportunidade de ter um contato mais próximo, mais íntimo, mais de perto para conhecer mais suas vidas e seus comportamentos”.
(Claudia)

“Foi uma experiência maravilhosa ter participado dessa aula, pois estou aprendendo a conviver de perto com as diferenças e principalmente ressignificando meus conceitos sobre portadores de necessidades educacionais especiais” (Ana Freire)

“... e com a convivência de tais momentos você percebe que só a teoria não ajuda, mas somente junto com a prática é que aprendemos a elaborar estratégias e orientações de atender a diversidade dos alunos...”. (Deyse)

“Podemos ter um maior contato e conhecê-los individualmente”. (Carla)

“Percebi que apesar dos limites das pessoas portadoras de necessidades especiais elas podem demonstrar habilidades que outras sem deficiência não

podem, ou seja, tanto os portadores de deficiências ou não portadores têm possibilidades e potencialidades em algumas áreas e dificuldades em outras e que a sociedade perde muito quando segrega ou impõe limites aos portadores de deficiências. Durante a dinâmica de grupo senti que não existiam diferenças. Somos nós quem criamos os preconceitos e estigmas. O que me surpreendeu foi a facilidade dos jovens em criar rapidamente uma história a partir da dinâmica proposta pela professora sem nenhum tipo de dificuldade ou timidez. Enquanto eu me senti um pouco tímida diante desta nova experiência”. (Rosana)

3ª aula –14 de Setembro

O nosso encontro começou com a exibição de uma parte do longa metragem “Do Luto à Luta” elaborado pela Associação de Portadores da Síndrome de Down. A seqüência escolhida foi a de um casal portador da síndrome de Down que é desafiado pela equipe de reportagem a produzir um curta-metragem tendo como panorama de fundo a questão do momento da notícia do diagnóstico para o pai. Houve um debate sobre genética e atendimentos em saúde e muitos alunos do grupo portadores da síndrome de Down lembraram de seus médicos que o acompanharam.

Nesta aula Alexandre Augusto apresentou sua proposta para o curta-metragem – O Bar Maluco. Neste momento ficaram divididas as tarefas entre alunos da turma e ainda foram definidas as personagens e quais seriam os alunos que os representariam. Os ânimos dos alunos da turma parecem estar aflorados e cada vez mais familiarizados com o fato de compartilhar suas aulas com alunos “especiais”.

“... o estranhamento que tive de início transformou-se numa espécie de companheirismo” (Deyse)

“Enfim, pude analisar que a primeira grande barreira que o deficiente precisa ultrapassar não é sua limitação, e sim o preconceito” (Glícia)

4ª aula – dia 21 de setembro

Na aula de hoje a professora formou seis grupos para que cada um deles trouxesse contribuições no roteiro do curta-metragem escrito por Alexandre. Curta esse que foi digitado, impresso e xerocado para cada grupo de trabalho examiná-lo, contribuindo de forma a criar novos personagens, sugerir novas falas e, principalmente uma revisão no texto.

Durante um breve momento foi relembrando aos alunos o que seria “sinônimo” para que, assim, determinadas palavras pudessem ser substituídas por outras de mesmo significado no roteiro de forma a refiná-lo. Assim, durante cerca de trinta minutos, conforme estipulado pela professora para esta atividade, cada grupo escreveu as suas observações no roteiro. No meu grupo especificamente, substituímos palavras como “gostosa” e “peituda”, que se repetiam diversas vezes, por outras do mesmo significado, como “linda”, “exuberante”, “maravilhosa” (Dilton)

A seguir através da coordenação da aluna convidada Gisele que trouxe aparelho de som e Cds , o grupo selecionou algumas músicas para o curta metragem e iniciaram uma oficina de dança.

“Senti-me leve, livre, compartilhando um espaço com pessoas alegres, cujas emoções estão à flor da pele” (Glícia)

“Foi uma festa geral, até mesmo quem não tinha relação com a aula ou da turma, parou na porta para ver que alegria era aquela que fluía dentro da nossa sala” (Deyse)

5ª aula – 28 de Setembro

Antes do início da aula de hoje, fui com a lista de frequência de aluno em aluno com o objetivo de fazer com que todos da disciplina rubricassem, o que não vem acontecendo. Todos os alunos presentes a rubricaram, inclusive Ramon que não sabia o que era uma rubrica, mas o expliquei. Vale ressaltar que Paulo rubricou seu nome em mais de vinte e cinco espaços que eram destinados aos outros estudantes. Tentei fazer com que ele entendesse, mas aparentemente não consegui. Ele afirmava que ainda não havia acabado. Neste momento, a professora entrou na sala e eu disse a ela em tom de brincadeira: - Professora estamos tendo alguns problemas técnicos. O Paulo não pára de assinar na lista de presença. Ela sorriu e foi tentar fazer com que ele entendesse o mecanismo da lista de frequência.

A aula de hoje foi marcada por dois momentos. O primeiro, dentro da sala-de-aula tradicional, começamos a definir a organização do nosso seminário final, com data, título e convidados. Os alunos deram suas opiniões e sugestões. Fizemos questão de convidar pessoas que foram muito significativas em suas vidas que marcaram suas vidas, como médicos e professores. E o segundo momento foi no espaço da sala de recursos audiovisuais – para assistirmos à filmagem de todas as nossas aulas até o dia de hoje. O intuito era de escolhermos as melhores cenas para editarmos um vídeo que seria exibido no final do curso e apresentado à comunidade acadêmica. Nós todos ficamos entusiasmados de rever momentos felizes e a expressão de surpresa e alegria que cada um fazia ao se ver na TV (Dilton).

“Notei que enquanto as filmagens eram passada as expressões deles eram de admiração e alegria. Principalmente o Aílson e da Luciana, ele mostrando os passos das danças para suas amigas” (Claudia)

“Será possível mostrar que somente com a união de todas as pessoas, sejam elas denominadas pela sociedade de normais ou de deficientes, que um projeto pode sair do papel e se tornar realidade”. (Deyse)

6ª aula – dia 05 de Outubro

Esta aula foi dedicada ao término da organização do Seminário. Fizemos um rápido ensaio para o curta-metragem. E ao final da aula, Ramon leu uma crítica de sua autoria sobre o impeachment do Collor, fato que gerou grande discussão dentro da turma, mais um exemplo de que não há diferenças dentro de nossa sala de aula. Vejamos o que Ramon nos disse:

Tema: A eleição de Collor e o Impeachment

Objetivo: Quando ele era governador alagoano, Collor ganhou as páginas dos jornais do país porque ele se recusou a pagar os salários dos marajás. Os marajás eram funcionários públicos que recebiam salários altíssimos. Entretanto, eles não eram necessariamente corruptos. Os altos vencimentos eram amparados pelas leis. Mas Collor queria passar a impressão de que era um governante austero, que se recusava a desperdiçar o dinheiro público. Quando se tornou candidato a Presidência da República, apareceu como o “caçador de marajás”, como o homem que iria acabar com os privilégios e a corrupção. (Ramón)

“Não importa o que cada um tem de tem de restrição. Importa o que cada um desenvolve APESAR disso...” (Sheila)

7ª aula – dia 19 de Outubro

Hoje, a professora fez a distribuição dos convites para os alunos, cada um escolheu pessoas para trazer ao seminário. Ficaram resolvidos os temas de cada mesa.

Surpreendentemente assistimos uma apresentação de dois palhaços, que fizeram algumas brincadeiras com os alunos, ganhamos muitas marteladas na cabeça. Foi muito bom poder presenciar os sorrisos de todos. Cada expressão, de surpresa, medo, curiosidade. Alexandre Augusto chegou a dizer: “Eu gosto de palhaços desde que eu era criancinha”.

Ao final da aula, Ramon nos prestigiou com mais um texto. Desta vez ele argumentou sobre o tema que estava em todas as rodas de conversas dessa semana, o referendo sobre a comercialização de Armas de fogo no Brasil. O fato mais curioso é que Ramon escreveu esta nova crítica durante a aula.

“O Brasil é um país democrático para que possam ter muita paz e também o nosso Estado querido os que poderiam dizer o motivo da violência que está crescendo muito em toda parte da cidade inteira e tem muita gente morta pelas armas de fogo e de munição. Em qualquer momento, vamos dizer ‘não’. (Ramon)

8ª aula – dia 26 de outubro

Começamos a ensaiar para o curta-metragem. Alexandre dividiu os papéis entre os atores selecionados e deu início ao ensaio. Os alunos que não estavam entre o elenco, ficaram atentos ao ensaio para poderem dar sugestões para melhorar o enredo. Tínhamos uma cantora, organizadores do cenário, sonoplastia e entrosamento.

A professora sugeriu que cada um de nós elaborasse uma redação sobre a amizade e tudo o que significou as aulas para nós e trouxéssemos na próxima aula.

“Paulo pegou o caderno da aluna ao lado e começou a escrever, assim como fez com a nossa chamada, quando a aluna percebeu guardou-o imediatamente”. (Marcelle)

9ª dia – 9 de Novembro de 2005

A aula de hoje foi reservada a leitura dos textos, sobre o valor da amizade na Inclusão, produzidos pelos alunos. As leituras foram filmadas e fotografadas e selecionamos as que mais gostamos para serem lidas no dia do nosso Seminário.

“Numa quarta feira como outra qualquer, saí de casa chateada e preocupada. Meu dia prometia não ser um dos melhores.(...)”

Pôxa! Por que estava dando tudo errado comigo nesse dia? – pensava eu.

Ao sair do elevador e seguir em direção à sala de aula, encontrei meu amigo Ramon, que estava com um sorriso contagiante no rosto. Em seguida, encontrei minhas amigas Gisele e Olga que estavam animadíssimas com o cd do KLB. Meu amigo Paulinho pediu que eu fizesse massagem nas costas dele porque, segundo ele, estava doendo muito...

Depois fizemos o ensaio da peça “O bar maluco”. Dei muitas gargalhadas, afinal, ensaio é ensaio. Encantei-me com a interpretação da minha amiga Helena. Essa menina vai longe... Que artista! Quando vi meu amigo Alexandre colocando ordem no ensaio, pensei: “Em breve estaremos em Hollywood!” Amigo é aquele que descarta da sua vida sentimentos como a raiva e ódio.” (Gabriela Feijó)

“Amizade e a vida

Às vezes esquecemos a importância da amizade

Outras vezes lembramos sem nos importarmos
Qual o sentido da amizade?
Por que temos amigos?

O sentido da amizade
É como o sentido da vida
A vida não se explica
Só requer que a sinta
A vida é ávida de um querer
Sem saber o porquê

Não existe vida sem amizade
Não para os crentes na efemeridade da concretude
Não para os videntes na impalpabilidade da alma
Sim para os que não vêem espírito na poesia.
E os amigos?!?!
Por que temos amigos?!

Temos apenas para nos lembrar
De jamais esquecer
Disso.” (Alexandre Lessa)

“Nestes últimos quatro meses minha vida entrou em uma nova fase, é o meu primeiro período na Faculdade de Educação, conheci e estou conhecendo várias pessoas e algumas já posso dizer que são meus amigos. Quando me inscrevi para essa aula da eletiva pensei que seria mais uma aula teórica, mas quando cheguei tive a surpresa e a oportunidade de fazer mais amizades e dessa vez com pessoas que dizemos ser especiais... Me sinto honrada por ter tido esta oportunidade, e como futura educadora colocarei como uma das minhas prioridades a luta por uma educação inclusiva da qualidade e que meus amigos especiais sejam cada vez mais valorizados dentro da sociedade”. (Adriana)

10ª aula- 16 de Novembro

Neste dia alguns alunos estavam gravando suas redações sobre amizade e fiquei muito surpreso quando meu amigo Ramon leu sua redação. Nela ele dizia que estava muito feliz por ter feito novas amizades na UERJ e que ele queria que a amizade dele comigo não fosse esquecida. Isso para mim foi o marco dessa aula. Fiquei super realizado, pois quando fui agradecer a ele pelo que leu, eu via nos olhos dele lágrimas e para marcar nossa amizade ele olhou nos meus olhos me deu um beijo na testa. Senti como gesto de irmão, amigo e sinceridade. Esta foi uma aula que me marcou muito (memorial do aluno Rodrigo).

“O que é amizade? Amizade para mim é uma das coisas mais importantes, todos nós temos que ter amigos para as horas difíceis de contarmos com ajuda. Eu sou amigo de minha mãe e ela também é minha amiga. Estou feliz de estar fazendo amigos aqui na UERJ e gostaria que nunca se esquecessem de mim. E poderia também ficar reunido em nome da nossa paz e confraternidade. Ramon e Rodrigo somos amigos para sempre e que tenha uma família totalmente abençoada” (Ramon)

30 de Novembro: Seminário IV ENCONTRO INCLUSIVO – PESQUISA EM EDUCAÇÃO ESPECIAL

O evento aconteceu no auditório 111, 11º andar seguindo a pauta construída pela turma:

Abertura: exposição de fotos na entrada do auditório
Apresentação: Inclusão no Ensino Superior- apresentação da disciplina com objetivos e metodologia
Mesa redonda 1: A importância da família na inclusão social
Mesa redonda 2: O papel do educador no processo de inclusão
Mesa redonda 3: Ações da saúde e trabalho para inclusão
Apresentação: O Bar Maluco
Apresentação do vídeo: A Amizade como força promotora da inclusão
Encerramento: proposta de criação de um fórum permanente

IV- Conclusão: A força da amizade na Inclusão

A pesquisa demonstrou através dos relatos a possibilidade de vivências inclusivas modificarem estereótipos em relação a pessoas com deficiência mental e transtornos de desenvolvimento. Em relação aos alunos com necessidades especiais a oportunidade de participar de um processo de interação em classe inclusiva trouxe maiores perspectivas de auto-controle e produção cognitiva. Alguns alunos que já estavam fora da escola decidiram retornar no próximo ano letivo, como foi o caso de Ramón.

Ao término do seminário o grupo de alunos decide continuar esta experiência e surge a idéia de um grupo permanente para discutir o processo de inclusão na escola, no trabalho, na sociedade; um fórum aberto a outros alunos e à comunidade com encontro mensal.

“A nossa força da amizade é como se fosse um sentimento fiel de amor, que afeta os nossos amigos que tem estima e ternura. Só que nós somos uma família que está na Inclusão. O que quer dizer amizade na inclusão é um sentimento fiel de amor, dos amigos dentro da nossa sociedade da inclusão. Nós temos que reagir dentro dos nossos cargos, pra poder lutar na nossa sociedade pela Inclusão dos brasileiros, pra poder querer ajudar, armar, planejar e criar polêmica procurar idéias que possam dar uma nova vida a estas pessoas. Ter boas amizades um pelo outro entre os amigos dentro da Inclusão. A minha conclusão sobre a Inclusão é como se fosse um trabalho da sociedade, que tem amigos, família e políticos”. (Alexandre Augusto de Farias Silva)

Referências Bibliográficas:

BISHOP, JUBALA, STAINBACK. Promovendo amizades. Em Stainback & Stainback. Inclusão: um guia para educadores. Porto Alegre: Artmed, 1999

FERNANDES, E. M. Um estudo descritivo sobre a aplicação do paradigma da Associação Americana de Retardo Mental. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2000

STRULLY, L e STRULLY, L. As amizades como objetivo educacional: o que aprendemos e para onde caminhamos. Em Stainback & Stainback. Inclusão: uma guia para educadores. Porto Alegre: Artmed, 1999